

CAHORA BASSA:

UMA ESPINGARDA NAS MÃOS DE UM SOLDADO DA FRELIMO É UMA ESPINGARDA PARA LIBERTAR O POVO E A TERRA

Tempo (287)

4/4/76

■ **Entrevista concedida pelo Camarada Vice-Presidente da FRELIMO
a Televisão Sueca**

Pergunta-Sr. Vice-Presidente temos estado a visitar Cahora Bassa.

Marcelino dos Santos—*E então o que é acharam?*

P — Verdadeiramente impressionante.

A pergunta que eu queria fazer é que quando vocês estavam a lutar contra o colonialismo português, Cahora Bassa era um dos vossos principais alvos. Agora controlam a Barragem e estação de electricidade e estão a começar a vender electricidade à África do Sul. Como explica isto?

M.S. — *Acho que o que é importante é vermos em que condições estávamos até ao 25 de Junho de 75 e em que condições nos encontramos depois do 25 de Junho de 75.*

Eu diria, como já dissemos e temos vindo a dizer, que uma espingarda nas mãos de um soldado colonialista português era uma espingarda que cometia crimes. Mas uma espingarda nas mãos de um soldado Moçambicano, de um soldado da FRELIMO, é uma espingarda para libertar o Povo e a Terra.

Portanto uma espingarda em

si não é nada. Tudo depende de quem tem a espingarda, quais as perspectivas e os objectivos. Cahora Bassa anteriormente estava integrada nos planos imperialistas para dominar a África Austral.

P — Sim, mas em Moçambique estão a vender electricidade à África do Sul, não estão?

M.S. — *Sim você já me fez essa pergunta, deixa-me responder, senão seria eu a fazer perguntas para vocês responderem.*

Cahora Bassa estava inserida num plano para dominar a África Austral. Lembrar-se-á que o plano previa a construção da Barragem, para chamar os Países Ocidentais a financiar e a construir a Barragem, ganhando assim o envolvimento na África Austral, trazer colonos brancos para o Vale do Zambeze para com eles construir uma barreira humana contra o Movimento de Libertação Nacional e com isto conseguir um maior envolvimento dos Países Ocidentais o que significaria perpetuar a dominação sobre os africanos.

Portanto, por esta razão nós

dissemos no passado e tornamos hoje a dizer em relação a essa altura de que Cahora Bassa era um plano colonialista e imperialista.

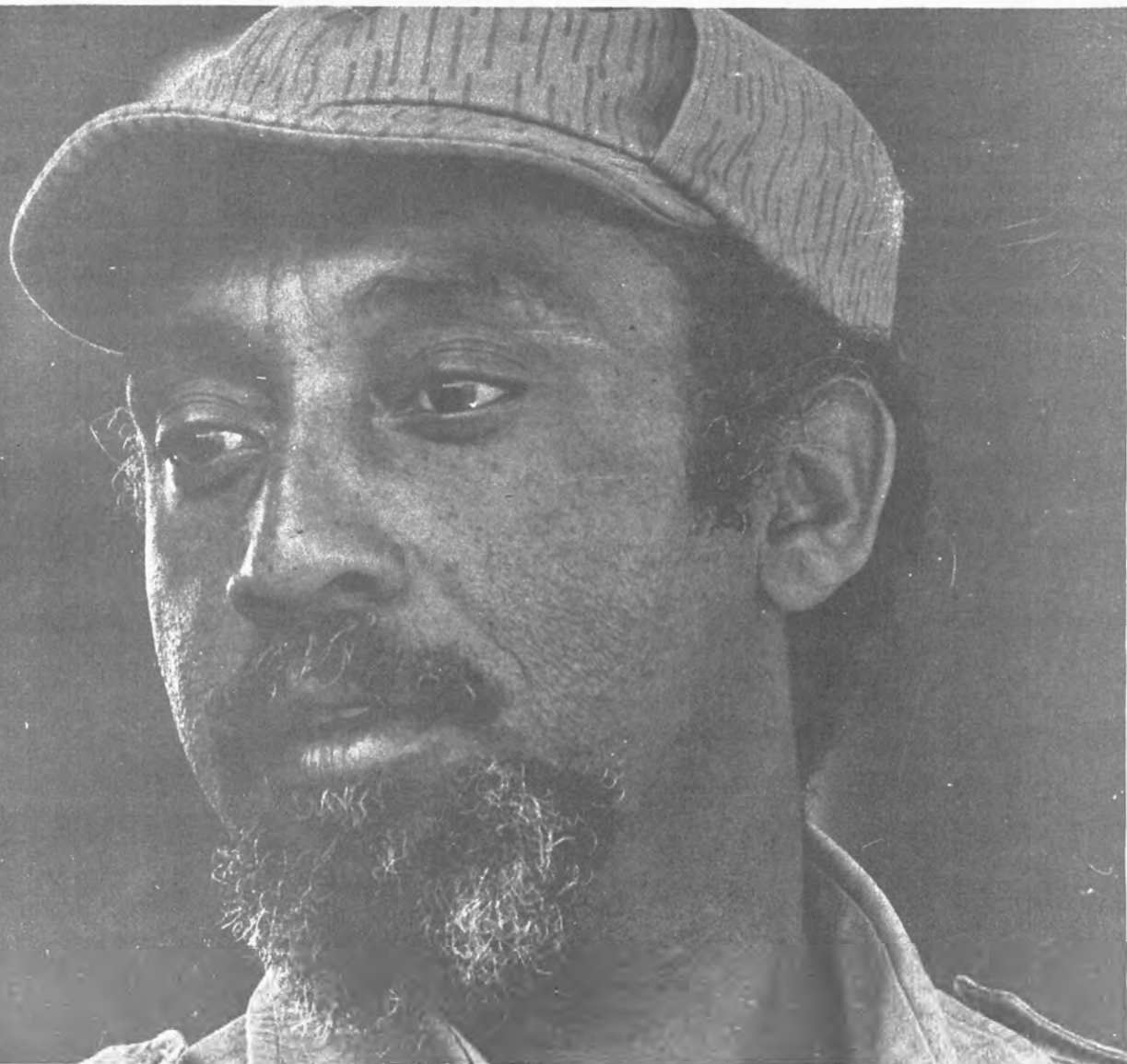
Hoje, Cahora Bassa está livre, porque Moçambique está livre.

O Governo de Moçambique é o governo do povo e trabalha para o povo. Por enquanto, existe uma Companhia portuguesa que negocia com CB, porque você sabe que os portugueses pediram financiamento e agora têm de o pagar, portanto de momento eles têm de usar CB e sua electricidade, senão não terão meios para pagar todo o financiamento e construção da Barragem.

De momento são os portugueses que estão a vender a electricidade à África do Sul e você há-de perceber que nós compreendemos perfeitamente esta situação tomando em conta os interesses do povo Português.

P—*Sim, mas aos poucos vocês vão acabar por controlar C. Bassa continuarão a vender electricidade à África do Sul?*

M.S. — *Porque é que não espera até essa altura para ver o que é que nós vamos fazer? Por-*



que é que me faz perguntas quando naturalmente eu terei que responder que nós faremos o que estiver sempre de acordo com os interesses do povo?

A minha resposta é que nós faremos sempre o que estiver de acordo com os interesses do povo moçambicano, do Povo Português, dos Povos da África Austral e eu acho que o que está de acordo com o interesse dos povos da África Austral está de acordo com o interesse de toda a Comunidade Internacional, incluindo a Suécia.

F — Vocês estão também a cooperar com a África do Sul noutros campos...

M.S. — Nós não estamos a cooperar...

P — Digo eu refiro-me aos trabalhadores das minas, os Portos, Caminhos de Ferro. Como é que explica isto para o povo sueco?

M.S. — Explico isto de uma

maneira muito simples e franca. Nós herdámos realidades e não é um dia para o outro que se pode sair dessas realidades. É só isto. E isto é o que nós dissemos no passado, o que repetimos hoje, porque a realidade da situação é esta.

Você quer dizer que nós temos duzentos mil trabalhadores nas minas de África do Sul. Acha que pode ser mudado de um dia para o outro?

P — Não. Mas quanto tempo é que vai demorar?

M.S. — Estamos a estudar o caso e dou-lhe a certeza que faremos o que terá que ser feito para libertar todo o nosso Povo, o que significa que nós estamos a estudar o caso dos trabalhadores das minas de África do Sul. Mas o que é importante não é saber quando é que vamos fazer isso.

O que é importante é a perspectiva correcta que temos ao elaborarmos os nossos planos e compreender que isso é do interesse do nosso povo bem como dos povos da África Austral.

Muitas pessoas perguntaram-nos quando nos tornámos independentes porque é que não fechamos as fronteiras nessa altura com o Zimbabué. Nós respondemos, por favor sejam pacientes. Não se faz uma Revolução num só dia. Agora quando fechámos as fronteiras vêm-nos dizer: Vocês fecharam as fronteiras e os trabalhadores vão ficar desempregados. Acho bem que os nossos amigos vejam bem o que é que querem. Fechamos as fronteiras com o Zimbabué porque agora era a altura correcta para o fazer, e portanto fizêmo-lo. E acho que vocês na Suécia também o compreendem.